

### Como você vê o futuro da EAD na universidade pública brasileira?

A mídia costuma ser implacável em relação à EAD: tomando por base uma realidade inegável na qual os antigos “cursos de fim de semana”, na maioria mas nem todos – justiça seja feita! – fábricas de diplomas, tornaram-se cursos a distância (mais baratos, mais cômodos e sem preocupação com a qualidade de ensino), a rajada de críticas contra a EAD é do tipo “atire antes e veja depois”, ou melhor, “atire antes e não veja depois”. A população é induzida a pensar que, sendo online, é de baixa qualidade.

Mas porque será que professores de universidades públicas, muitos com pesquisas financiadas por CNPq, CAPES e agências de fomento estaduais como a FAPEMIG, apostam nessa modalidade de ensino? Com certeza é ofensivo para muita gente colocar qualquer tipo de EAD na mesma categoria. Pesquisas de âmbito nacional e internacional mostram inúmeras qualidades para uma EAD bem feita. Como qualquer modalidade de ensino, há bons e maus professores e ninguém julga que o ensino presencial é ruim porque existem maus professores. E, infelizmente, não são poucos.

Para refletir sobre este assunto, convidamos alguns dos inscritos no UEADSL a apresentar sua resposta à pergunta-chave desta mesa e convidamos você a enriquecer com seus comentários este debate.

Ana Cristina Fricke Matte

**Convidados:** [Ana Beatriz Gomes Carvalho](#) , [Marcelo Pires Dias](#) , [Sthenio José Ferraz Magalhães](#) , [Telma da Silva Barbosa](#)

---

### Ana Beatriz Gomes Carvalho

Ana Beatriz Gomes Carvalho

A história recente das políticas públicas em Educação a Distância revela que a criação dos cursos a distância nas instituições públicas (IES) foi estruturada através de núcleos vinculados à reitoria, mas dissociados da estrutura universitária (departamentos, centros etc). No momento de implementação das políticas públicas de EAD existia uma forte resistência contra a modalidade e a opção do poder público foi negociar diretamente com os reitores, via editais, operacionalizando a EAD através de grupos dentro das IES, sem passar por departamentos e conselhos. Não resta dúvida que se fosse seguido todo o procedimento regimental das IES - aprovação dos cursos nos departamentos, conselhos de centro e órgãos superiores das Universidades - a EAD ainda estaria no papel, porém, "quebrar" o sistema significou manter a modalidade marginalizada. A EAD sobrevive na maioria das Universidades públicas porque é financiada, se o governo retirar amanhã o subsídio, o sistema trava.

O governo federal vem realizando uma série de ações para institucionalizar a EAD e cortar a dependência financeira (e sistêmica) que foi criada. Não foi por acaso que a EAD foi levada para a CAPES, órgão reconhecido por sua excelência, por financiar projetos e realizar avaliação da pós-graduação no país. As vagas para os professores, reivindicação antiga dos percursos da EAD, foram liberadas apenas para lotação dentro dos departamentos. O último edital de fomento da CAPES para as IES que atuam com EAD foi explícito: as propostas precisavam de aprovação nos departamentos. É um movimento confuso, mas o objetivo é claro: as equipes criadas no início da implantação da EAD foram necessárias, mas hoje se constituem um entrave para o processo de institucionalização. Não é possível convencer as estruturas departamentais e conselhos (que atuam com representantes legitimados através do voto) que a EAD seja conduzida por pessoas indicadas pela reitoria. Nenhuma estrutura reconhecerá a modalidade enquanto os coordenadores (e a equipe constituída) não for eleita ou legitimamente indicada a partir de um debate democrático. As relações precárias dos tutores (e outros profissionais) com as IES que ofertam os cursos a distância fazem parte dos elementos responsáveis por resultados negativos na modalidade. O discurso oficial do governo federal se refere em todos os documentos à busca da qualidade e excelência nos cursos a distância, mas o pré-requisito para a consolidação da qualidade é a institucionalização da modalidade e sua inserção efetiva na estrutura organizacional das IES. As mudanças recentes na estrutura do MEC e a discussão sobre o futuro da EAD

## Universidade, EAD e Software Livre

Evento Online Assíncrono. Promoção Texto Livre e FALE/UFMG

indicam que o modelo está sendo repensado. As demandas dos grupos que executam e pesquisam a EAD não pode mais ser ignorado e postergado, o governo federal está sendo pressionado a rever as suas políticas e implementar novas diretrizes. Todos nós conhecemos as políticas de Estado o suficiente para saber como terminará a história: o atual modelo de gerenciamento da EAD está com os dias contados!

### **Marcelo Pires Dias**

A EAD na universidade pública brasileira vive um momento decisivo para a consolidação dessa modalidade de ensino, que possui o desafio de levar educação e formação para além dos limites geográficos. A EAD é de fundamental importância para as regiões distantes dos grandes centros, como a região Amazônica, e para que a qualidade dessa modalidade melhore é preciso investir na gestão da EAD, logística e tecnologias que possam facilitar o acesso. Além disso, é preciso formar um maior número de profissionais dedicados a EAD, profissionais que estejam comprometidos com a pesquisa, o aperfeiçoamento da modalidade e produção de materiais didáticos voltados para esse segmento educativo. A tendência é que a EAD seja ampliada exponencialmente nos próximos anos e abranja uma quantidade maior de cursos de graduação e pós-graduação e que a gestão seja cada vez mais aperfeiçoada e professores-tutores sejam reconhecidos como professores e com isso uma melhor remuneração e melhores condições de trabalho sejam proporcionadas aos profissionais envolvidos.

### **Sthenio José Ferraz Magalhães**

Posso estar sendo entusiasta, mas acredito que a EAD representa o futuro de boa parte dos cursos das universidades públicas brasileiras. O movimento que integra práticas pedagógicas a distância a essas instituições é fortalecido, e discussões como esta acabam proporcionando o amadurecimento das problematizações.

No contexto do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, a qual faço parte, os desafios são muitos, mas a vontade de avançar é maior. Professores que propõem inovações, utilizando os 20% de atividades a distância assegurados por lei, promovem ações em ambientes virtuais concomitante às atividades presenciais, mas ainda encontram resistências de alguns alunos que, por exemplo, já chegaram a denunciá-los à Pró-Reitoria Para Assuntos Acadêmicos - PROACAD, alegando prejuízos e argumentando que o curso a qual fazem parte é estritamente presencial. Em sintonia com essa visão limitada dos alunos, existe também a rigidez do currículo dos cursos e a rejeição de grupos de professores tradicionais, saudosistas, inflexíveis e contrários à inclusão de um sistema semi-presencial. Mas, felizmente, eles não são maioria dentro da universidade pública brasileira. Ao contrário! A EAD começa a mudar a concepção de ensino e aprendizagem dos professores e a organização do trabalho pedagógico, e isso vai além da simples inserção de mídias digitais.

Deste modo, cursos de formação de professores com esse viés já estão sendo oferecidos na nossa instituição, ao mesmo tempo que vantagens e possibilidades estão sendo discutidas para que a cultura digital seja enraizada e passe a fazer parte da dinâmica própria do ensino superior brasileiro.

### **Telma da Silva Barbosa**

O crescimento da EAD no Brasil é um fenômeno social que vem ganhando muitos adeptos colaborando no processo de inclusão digital cumprindo ainda o objetivo de democratização do ensino e do conhecimento.

As atuais políticas públicas, a exemplo, o sistema UAB, criado em 2005, política pública de articulação entre a SEED/MEC e a DED/CAPES com vistas à expansão da educação superior, atua no fomento de criação de cursos pelas Universidades Públicas do Brasil, tendo expandido sua política a partir de 2008, agregando a esse sistema 88 instituições de ensino, potencializando e emancipando processos científicos e tecnológicos.

Os resultados do Censo realizado pela ABED, (CENSOEAD.BR,2009), apontam para a afirmativa de um contínuo e forte desenvolvimento da EAD no Brasil. Este Censo informa que as áreas de EAD melhoram sua gestão estruturando e ganhando importância interna nas instituições. Para esse desenvolvimento de EAD tornar-se mais sustentável será necessário continuar investindo em gestão. Contudo Demo, (2002, p.171) trás a reflexão que é preciso à construção de uma Política Científica, sendo este um desafio complexo, e exige que em primeiro lugar esteja a questão da criação! A EAD está consolidada como uma poderosa ferramenta de inclusão social e de melhoria da qualidade da educação e nesse sentido a sociedade deposita sobre a Universidade a esperança de que seja vanguarda do desenvolvimento, na condição de elite intelectual. A instituição mais próxima da produção científica e tecnológica assume cada vez mais a condição de lugar privilegiado para discutir e fazer o futuro. Este é o maior desafio da Universidade.

Com a EAD o paradigma educacional muda. Sociedade e Universidade se aprimoram no ato do aprender a aprender por ser essencial à conquista de autonomia e excelência!